

AZULEJARIA EM PORTUGAL NOS SECULOS XV E XVI

corpus da azulejaria portuguesa

*e/12 itálico /Alt*



AZULEJARIA ————— *36 garamond*  
EM PORTUGAL —————  
NOS SÉCULOS XV E XVI —————  
(INTRODUÇÃO GERAL) — *24*  
por ————— *12 itálico /b.*  
J. M. DOS SANTOS SIMÕES — *12 Red.*

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Lisboa

1969

*e/12 itálico /alt*

*e/11/12*

A memória de

Mrs. ORLENA Z. SCOVILLE, Senhora da "Bacalhôa",

*Of. Zitate  
elb.*

responsável pela minha dedicação  
aos estudos de Azulejaria, exemplo  
de bondade cristã e de amor por  
Portugal, oferece como preito de  
muita gratidão e saudade...

o autor

*Red.*

*X*

P R E F Á C I O

Contribuição COR?  
3 linhas

PREFACIO

ital. c/12

Para o estudo global da arte do azulejo em Portugal exige-se - como para qualquer estudo de carácter analítico - um método racional de trabalho: não bastam as buscas sobre o objecto azulejo como peça cerâmica isolada ou integrada em conjuntos decorativos, para explicar os problemas ligados à sua gênese, evolução histórica e função decorativa. Há que recorrer a outras fontes de informação para procurar enquadrar o fenómeno azulejo no conjunto das manifestações artísticas deste País e, conseqüentemente, tirar a lição da sua importância e contribuição para a formação de uma estética nacional.

Os portugueses, familiarizados desde o século XVI com a decoração azulejar, não só a aceitaram inicialmente com aplauso, como passaram depois a encará-la como verdadeira fatalidade, intimamente ligada à própria construção religiosa e profana. O emprego sistemático do azulejo na ornamentação de templos palácios ou simples moradias - particularmente nos séculos XVII e XVIII - e, mais tarde, a extensão do seu emprego à cobertura de fachadas, quase insensibilizou o público perante o espectáculo artístico, levando mesmo a desprezar por demasiadamente corrente o seu autêntico significado decorativo.<sup>(1)</sup>

c/8  

---

<sup>(1)</sup> É curioso verificar que no meado do século XIX, quando se publicam as primeiras "revistas" artísticas ou enciclopédicas, o azulejo raríssimas vezes é mencionado, mesmo quando se descrevem monumentos que hoje são principalmente notados pelos azulejos. Tal é o caso, por exemplo, de Vilhena Barbosa, dos mais fecundos publicistas e divulgadores do Património Artístico Nacional, o qual raríssimas vezes mencionou a presença dos azulejos.

---

Na falta de informação escrita que nos auxilie a colocar os exemplares no tempo, estamos reduzidos à evidência patenteada pelos próprios azulejos que, inequivocamente, testemunham o favor que essa modalidade de arte gozou entre nós.

O critério que adoptamos no trabalho de coligir elementos para um "Corpus" do azulejo português foi, de principio, o da prospecção objectiva, ordenada topograficamente. Ao mesmo tempo que recolhíamos a documentação gráfica, - fotografias e desenhos - procuravamos informarmo-nos sobre as circunstâncias em que tais azulejos apareciam.

ital.

Trabalho iniciado em 1940, foi ele pacientemente progredindo e dele haveria de resultar o estudo cada vez mais pormenorizado dessa modalidade artística - a azulejaria - isolada agora da cerâmica geral à qual até então se mantivera enfeudada.

Percorrendo o território europeu de Portugal, sem desprezar a mais insignificante ou mesmo duvidosa informação, obteve-se uma soma de material capaz de servir de alicerce ao edifício de uma síntese. A necessidade de enquadrar o fenómeno português no conjunto da decoração cerâmica - manifestação universal - levou-nos a realizar viagens de estudo aos principais centros europeus de cultura e, simultâneamente, a compulsar copiosa bibliografia da especialidade.

Os conhecimentos adquiridos em mais de um quarto de século de trabalho, revelados pouco a pouco em duas dezenas de publicações e uma boa centena de conferências e lições, pareceram-nos suficientes para nos abalançarmos à tarefa de publicar um "Corpus" onde se materializassem os ensinamentos colhidos e do qual podessem aproveitar quantos nele achassem solicitações.

Este ambicioso plano só poderia ter realização prática com uma publicação necessariamente dispendiosa e que, de forma alguma, seria compensada pelo exíguo mercado português.

Foi em 1957 que a Fundação Calouste Gulbenkian - então no início das suas actividades - tomou sobre si o encargo da preparação e publicação de um Corpus da Azulejaria Portuguesa para o que criou a "Brigada de Estudos de Azulejaria" no âmbito do seu Serviço de Belas Artes. Estabelecida uma planificação geral, foi ela anunciada no 1º Relatório do <sup>Presidente</sup> ~~da~~ Presidência do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian - publicado em 1961 - no qual se anunciava a estruturação da obra que se previa ser dividida em 5 volumes: I - Introdução ao estudo da azulejaria portuguesa; II - Azulejaria em Portugal nos séculos XVI e XVII; III - Azulejaria Portuguesa nos Séculos XVIII e XIX; IV - Azulejaria Portuguesa no Brasil e V - Elencos, Índices e Bibliografia.

Ainda no 2º Relatório do <sup>Presidente</sup> ~~da~~ Presidência (correspondente aos exercícios de 1960 a 1962, pp. 96 e segs.) se mantinha, nas suas linhas gerais, a estruturação primitiva, reconhecendo-se a necessidade de "algumas modificações", quer

3

pela abundância dos materiais recolhidos, quer pela extensão de algumas das áreas regionais prospectadas, quer pela revisão de critérios quanto à sua apresentação". De facto, alargando-se aos Arquipélagos dos Açores e da Madeira os trabalhos de investigação, verificou-se que a quantidade e qualidade dos azulejos ali encontrados justificava, só por si, um volume independente, o qual veio a ser o primeiro na ordem de publicações, constituindo o "Corpus":

- AZULEJARIA PORTUGUESA NOS AÇORES E NA MADEIRA - editado em 1963.

Entretanto, aprontava-se a publicação do segundo volume do "Corpus" - AZULEJARIA PORTUGUESA NO BRASIL - resultado da prospecção e estudos realizados naquele país, em 1959, mas que, por delongas na recepção de materiais documentais, só foi possível completar e editar em 1965.

Nestes dois primeiros volumes, seguiu-se o critério de ordenação topográfica, com a enumeração dos núcleos estudados por <sup>localização</sup> povoações, dentro das respectivas compartimentações geográficas e administrativas. Tal foi possível pelo facto de, em qualquer dos casos - Açores, Madeira e Brasil - estarmos perante realidades ecológicas bem definidas e caracterizadas, e ainda por virtude da quantidade dos núcleos existentes poder ser contida em pouco espaço!

Na verdade, no volume dos Açores e Madeira, estudaram-se e descreveram-se 129 núcleos e no do Brasil 136. Pensou-se adoptar o mesmo "critério territorial" para o estudo da azulejaria do Continente português, dividindo este em regiões ou aproveitando as divisões administrativas - distritos e concelhos. Verificou-se no entanto que tal seria impraticável, dada a enorme quantidade de núcleos estudados, atingindo mais de 18.000! Também se reconheceu que tal critério provocaria redundâncias, uma vez que muitos azulejos se repetem em várias regiões, obrigando portanto a duplicações descritivas. Igualmente a enumeração dos azulejos por distritos está em parte feita - ou em via de o ser -

(2)

no Inventário Artístico de Portugal, em publicação pela Academia Nacional de Belas Artes e, mais acessível ainda, nos vários volumes de Guia de Portugal.<sup>(3)</sup>

(2) Estão publicados até ao presente os Inventários Artísticos dos Distritos de Portalegre, Leiria, Santarém, Aveiro, Coimbra e concelhos de Évora; aguarda-se a publicação dos volumes referentes à cidade de Évora e de Faro.

(3) O Guia de Portugal cobre a totalidade do território do Continente Português, estando publicados 6 volumes.

Um Corpus, não é necessariamente uma história. Assim o têm entendido os vários autores de trabalhos que se agrupam sob tal denominação geral: Gaetano Ballardini, por exemplo, adoptou para o seu Corpus della Majolica Italiana um critério meramente cronológico, recolhendo nos dois volumes que publicou apenas os exemplares datados, e resumindo as descrições desses exemplares a um mínimo de notações identificadoras.

Jean Helbig, no seu Repertorio da arte do vitral na Bélgica (De Glasschilderkunst in België, Antwerpen 1943)-trabalho a muitos títulos modelar - enumera cerca de 2.000 vitrais pela ordem alfabética das localidades onde os encontrou, reservando poucas páginas para uma introdução geral, seguida de copiosa bibliografia.

Qualquer destes critérios poderia ser adoptado no nosso caso mas, as características específicas do azulejo português e a forma como se apresenta não permitem facilmente isolar os exemplares, uma vez que eles se integram em conjuntos decorativos que só podem ser considerados globalmente, quer cronológica quer geograficamente.

O problema de estruturar um programa de publicações, tendo como tema a "azulejaria portuguesa" e procurando aproveitar ao máximo o material recolhido ao longo de mais de vinte e cinco anos de trabalhos e pesquisas, incrementados nos últimos oito anos com o rastreio sistemático da Brigada de Estudos de Azulejaria, foi preocupação constante do responsável pela obra. Longe de se ter encontrado a solução óptima apresenta-se agora um plano de sequência, no qual se procura conciliar a sistematização cronológica com as características tipológicas dos grandes períodos evolutivos, sem preocupações de síntese.

De acordo com a Administração da Fundação Gulbenkian estabeleceu-se o Plano de publicações com o seguinte programa:

- I - AZULEJARIA PORTUGUESA NOS AÇORES E NA MADEIRA
- II - AZULEJARIA PORTUGUESA NO BRASIL  
(já publicados)
- III - AZULEJARIA EM PORTUGAL NOS SECULOS XV E XVI
- IV - AZULEJARIA PORTUGUESA DO SECULO XVII
- V - AZULEJARIA PORTUGUESA DE 1690 a 1750

VI - AZULEJARIA PORTUGUESA DE 1750 A 1808

VII- AZULEJARIA PORTUGUESA - ELENCO GERAL, DICCIONARIO DE ARTISTAS, INDICES, DOCUMENTOS.

Farão ainda parte integrante do "Corpus" os estudos temáticos complementares:

ICONOGRAFIA OLISSIPONENSE EM AZULEJOS

FRONTAIS DE ALTAR DE AZULEJOS

PAINÉIS ("REGISTOS") DEVOCIONAIS EM AZULEJO

AZULEJOS ARMORIADOS

OS MESTRES PINTORES DE AZULEJOS DO SECULO XVIII

GRAMATICA ORNAMENTAL DA AZULEJARIA PORTUGUESA DO SECULO XVIII

TEMÁTICA FIGURATIVA DA AZULEJARIA PORTUGUESA

A publicação dos Estudos sobre Azulejaria, complementares do Corpus, acompanhará, sempre que possível, a edição dos Volumes genéricos, intercalando-se consoante os temas e cronologias.

Fieis à esta planificação, rectificada pela experiência, reservamos o presente volume para a colectânea das fontes de informação, introdução geral ao estudo da azulejaria e análises morfológicas e históricas dos azulejos que se encontraram em Portugal continental e que se podem colocar dentro dos séculos XV, XVI

Não se trata de um inventário total e, muito menos, de uma história, mas da apresentação objectiva dos elementos analíticos que poderão servir como fontes informativas para trabalhos futuros.

O livro do Professor Reynaldo dos Santos - O Azulejo em Portugal - publicado em 1957/58, precisamente quando se iniciaram os trabalhos da Brigada de Estudos de Azulejaria, foi a primeira tentativa para reunir num volume a "História do Azulejo" em Portugal. Utilizando as fontes bibliográficas de que então dispunha, filtradas pela sua sensibilidade e capacidade de síntese, o Ilustre Presidente da Academia Nacional de Belas Artes antecipou-se no tempo à publicação de um trabalho semelhante que o Autor destas linhas preparava. Porque o Professor Reynaldo dos Santos utiliza lisongeiramente dados históricos e críticos fornecidos na bibliografia cerâmica em geral e insistentemente nos traba-

6

lhos do Autor destas linhas, escusamo-nos de prolongar as considerações históricas, a não ser nos casos em que reputamos necessário rectificar um ou outro juízo.

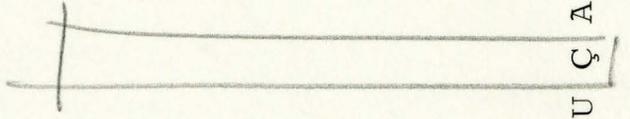
X

O Autor agradece, uma vez mais, ao Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian as possibilidades que permitiram completar o seu labor de ~~mais de 25~~ <sup>tantos</sup> anos e a compreensão que, ao longo destes últimos anos, tem demonstrado perante as dificuldades de realizar a tarefa de que se incumbia.

Sem desprimor para tantas pessoas que amavelmente deram a sua colaboração informativa, deseja-se distinguir o trabalho constante, paciente e honestissimo dos mais próximos colaboradores; a Senhora Dona Maria Isabel Ribeiro Marques que secretariou a Brigada de Estudos de Azulejaria e o Pintor Emilio Guerra de Oliveira, a quem se fica devendo a documentação gráfica - pelo desenho e aguarela - que constitui, só por si, razão bastante para o quilate artistico do "Corpus".

Santos Simões

Separado



I N T R O D U Ç Ã O

INTRODUÇÃO

*Abriu curatela  
para capitular com 57x57 cm*

Como todo o ~~todo~~ trabalho intelectual que pretenda abarcar analiticamente um vasto programa, como é o caso da azulejaria em Portugal, necessita alicerçar-se em <sup>este</sup> bases sólidas e metódicamente ordenadas. A estrutura e equilíbrio de todo o edificio ressentir-se-à da fragilidade ou má arrumação dos materiais constitutivos, desarticulando-se em frequentes redundâncias, retrocessos ou antecipações que prejudicarão a inteligência da exposição.

Não é pretensão do Autor propor as bases de alguma nova ciência, mas seguir, tanto quanto o permitam as condições especiais e a índole da obra, uma ordenação metodológica, quer porque se lhe afigura poder dar maior rendimento, quer porque a sua formação assim lho impõem.

Para corresponder à proposição de estudar e apresentar a evolução histórica e artística do azulejo em Portugal, necessário se torna adoptar um método de trabalho que possa facilitar o estudo e a apresentação. Para o estudo propriamente dito pretendeu-se seguir o método analítico, reservando para a apresentação a critica que se informa na análise.

ANÁLISE - A análise, eminentemente objectiva, foi feita sobre fontes de informação, rigorosamente verificadas, em trabalho que quase se pode considerar laboratorial, colhendo pacientemente e ordenando os resultados da colheita, territorial e eurística. Só em casos contados, e devidamente ressalvados, se confiou na experiência de outrém ou em informações de difícil ou impossível verificação.

Não se desceu à investigação técnica sobre os materiais - barros, esmaltes, vidrados, etc. - a não ser nos casos de dúvidas e principalmente para exemplares arcaicos, quando os processos de fabricação se encontravam em fase evolutiva, e mesmo assim, os métodos de investigação não permitiam o estabelecimento de regras ou leis das quais se possam colher ensinamentos decisivos de carâcteres diferenciais.

As análises dos barros, depois que sofreram as operações do fogo, são não só difíceis como, em geral, pouco informativas sobre a natureza ou composição

primitivas. Da mesma forma se torna praticamente impossível o doseamento quantitativo dos vários ingredientes - óxidos metálicos, alcalis, silicatos, etc. - que se utilizaram na fabricação do azulejo, depois que no processo de fusão ígnea se originaram novas <sup>com</sup> combinações de composição químico-morfológica especiais.

No nosso país apenas, que saibamos, se tentou o estudo tecnológico sobre a cerâmica moderna, devido ao Professor Charles Lepierre <sup>(4)</sup>, mas pouco ali se pode colher que ajude substancialmente o estudioso do azulejo antigo.

---

(4) Charles Lepierre - Estudo Chimico e Techonologico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa 1899. Anterior a este estudo havia-se publicado a Introdução ao estudo das Artes Cerâmicas, de Severiano Augusto da Fonseca Monteiro (Lisboa 1889) dissertação para o concurso ao lugar de professor do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, sem interesse para a consideração da azulejaria.

---

Assim mesmo, e na altura própria, tentar-se-à dar ao leitor algumas noções gerais sobre a técnica de fabricação, pintura e vidrado, que ajudarão a diferenciar materiais e processos.

A análise foi portanto mais incisivamente dirigida à parte externa do azulejo, às características tipológicas e estilísticas que apresenta através da sua evolução, às pequenas variedades dimensionais ou à forma dos agrupamentos.

FONTES - O principal documento histórico para o estudo da azulejaria é o próprio azulejo. Só quando ele nos não pode fornecer elementos identificadores, deveremos recorrer a outras fontes de informação. Assim é que ocupam o primeiro lugar entre as fontes os chamados AZULEJOS DATADOS:

A importância do azulejo datado, como documento, foi reconhecido por Joaquim de Vasconcelos quando escreveu: "...azulejos datados são muito raros: uma descoberta de um exemplar é, só por si, um facto importante...". Na colheita destas espécies empenharam-se quantos ao estudo do azulejo dedicaram alguma atenção e, desde o Visconde de Juromenha que na sua carta ao Conde de Racinski apontava três cronogramas (que lhe tinham sido indicados por Cunha Rivara), passando por Gabriel Pereira até Joaquim de Vasconcelos, reuniram-se a ordenaram-se cronològicamente cerca de trinta datas, algumas das quais são, ainda hoje, verdadeiras balizas para o estudo da evolução do azulejo.

Nem sempre, porém, a colheita tinha o rigor e objectividade indispensáveis para poderem garantir uma base analítica. Algumas vezes datavam-se os azulejos

9

por palpite e comparação ou porque apareciam em edifícios datados; se, em certos casos, podem coincidir as datas das edificações com as da fabricação ou instalação dos paramentos cerâmicos, nem sempre tal acontece e, portanto, o processo de datar os azulejos pelas edificações é falível e desprovido de interesse. Só nos devem servir como "documentos" os cronogramas inscritos nos próprios azulejos quando, iniludivelmente, correspondam às datas de fabricação ou instalação.

A colheita e ordenação de azulejos datados está na base do nosso estudo, e, não nos poupámos a trabalhos para aumentar a lista já conhecida e, principalmente, para verificar todos os cronogramas citados, relegando ou ressaltando aqueles que não encontramos em condições de utilidade para o estudo.

É de justiça salientar, desde já, os trabalhos especiais de Joaquim de Vasconcelos, de José Queiroz e de Virgílio Correia, de cujas listas se apuraram três dezenas, devendo relegar-se não poucas que foram atribuídas por dedução, comparação ou simples palpite. Muitas outras inscritas em azulejos foram reveladas em trabalhos da mais variada índole - notícias, monografias, simples e ligeiros artigos de jornais - e não poucas me foram indicadas por curiosos e amigos. Todas mereceram verificação e, as listas que se apresentam nos índices, longe de estarem completas são, por assim dizer, o "esqueleto" da obra e podem ser confiavelmente utilizadas.<sup>(5)</sup>

---

(5) O Dr. Reynaldo dos Santos na sua obra de síntese, O Azulejo em Portugal (1957), publica uma "Cronologia dos azulejos datados ou datáveis" (p. 154) ordenando uma lista de "cerca de duzentos números" ou datas, colhidas na bibliografia ou revelados pelos espécimes estudados. O Ilustre polígrafo tinha perfeita consciência das lacunas que tal lista comportava e admite que outras datas se juntaram, à medida que se adiantassem os estudos.

Ainda que possamos, no estado actual dos nossos conhecimentos, alargar consideravelmente o número de azulejos datados ou datáveis, é certo que de forma alguma se esgotou o assunto e muitos serão ainda os exemplares que virão a ser revelados por futuros investigadores. No entanto, como já escreveu Reynaldo dos Santos, os testemunhos cronografados são mais do que suficientes para encadear a azulejaria no tempo e exemplificar a evolução geral.

---

Se alguns azulejos ou conjuntos de azulejos não estão, efectivamente, datados, podemos conhecer as suas datas de fabricação ou de instalação através de documentos coevos e fidedignos - facturas, contas, relatórios, deliberações, testamentos, inventários, etc. -. Esses azulejos são designados como AZULEJOS DATAVEIS ou DOCUMENTADOS, e a sua importância é tão grande como a que atribuímos aos simplesmente datados. Desta forma se alargou a escala cronológica atingindo

16

todas as espécies cujas datas de fabricação ou de instalação são conhecidas.

Se tal colheita, devidamente ordenada pode, só por si, servir de base à história evolutiva, em função do tempo, necessitam-se outros elementos que permitam ligar as obras aos seus autores, ou pelo menos, agrupá-las pelas características comuns. São da mais primordial importância, neste caso, os AZULEJOS ASSINADOS.

Também as espécies assinadas têm merecido a atenção dos investigadores e, pode dizer-se, que a colheita se achava praticamente completa após os trabalhos de Virgílio Correia. São surpreendentemente poucos os exemplares de azulejos assinados - pelas razões que ao diante veremos - mas, mesmo assim, permitem-nos o conhecimento dos principais artistas e, por comparação analítica, a atribuição de obras não portadoras de qualquer marca ou assinatura.

A investigação heurística - feita sobre documentos escritos - pode e deve dar ainda muitos elementos para o estudo da azulejaria e por essas velhas sacristias e arquivos abundam os livros de "receita e despesa" ou das "fábricas" de igrejas e conventos, os livros de "notas" dos tabeliães onde figuram contratos, testamentos de pintores de azulejo e tantos outros elementos do maior valor e interesse. É materialmente impossível reunir uma parte sequer do que deve existir, e só os caprichosos acasos da investigação poderão trazer à luz escondidos tesouros informativos. Limitei-me a utilizar aqueles de que tive conhecimento, muitos já referidos por investigadores, outros encontrados em buscas propositadas, e que não foram, por impossibilidade material, tantas quantas as desejadas.

De posse dos elementos "documentais" e em presença das espécies, resta o trabalho racional de crítica, procurando urdir a teia com os vários fios da meada. Esse labor necessita ser calmo e eminentemente objectivo. Não nos preocuparam juízos valorativos - que são do campo da estética - mas apenas dar a conhecer, ainda que por vezes esquemáticamente, a estrutura e ligação do processo evolutivo da decoração cerâmica no nosso País, tanto nos aspectos históricos, como morfológicos e artísticos. Colocados os azulejos no tempo - com o auxílio da análise documental - resta à crítica agrupá-los e dar-lhes homogeneidade na escala evolutiva, revelando as diferenciações, a expansão e importância relativas. Esse trabalho de crítica é apenas esboçado e o que fundamentalmente interessa é

colocar ao dispor dos estudiosos de amanhã os materiais indispensáveis para que essa crítica possa ser construtiva de uma verdade.

A síntese surgirá por fim! Mas esse trabalho já não pertence a este "Corpus".

ESTADO DO PROBLEMA - Não é nova a tentativa de estudar em conjunto, o problema da azulejaria em Portugal e, já consciente ou inconscientemente, investigadores e criticos notáveis encetaram trabalhos que, infelizmente, se não completaram.

É apenas natural que a presença da espantosa quantidade de azulejos no nosso país tenha despertado a atenção dos estudiosos de coisas de Arte, se bem que, por outro lado, seja de estranhar que só relativamente poucos tenham encarado o problema no seu conjunto. Falta de curiosidade? Dificuldades materiais? Ignoramos.

A forma mais vulgar de que se tem revestido a ponderação dos assuntos ligados à azulejaria é, principalmente literária. A beleza das decorações cerâmicas, alegrando e enriquecendo as nossas pesadas igrejas e conventos, o aspecto anedótico das figurações iconográficas ou as pretensas representações etnográficas, foram repetidamente focadas tanto por nacionais como por estrangeiros, sem que, no entanto, tenha havido a visão do estudo do azulejo pelo azulejo, ou seja a atribuição a este de categoria bastante para constituir matéria especializada e enquadrada no estudo da Arte em Portugal.

Um breve esboço da bibliografia especial servirá para colocar o problema no seu actual plano, ao mesmo tempo que permite familiarizar o leitor com as obras fundamentais e que foram, até ao presente, os únicos elementos de informação.